

## Abril / 2019

### **INTERNACIONAL**

#### **EUROPA**

Superou as expectativas o crescimento econômico de 0,4% da zona do euro, no primeiro trimestre de 2019, em relação ao último de 2018. No acumulado de 12 meses o avanço do PIB foi de 1,2%, conforme estimativa inicial da agência Eurostat.

A taxa de desemprego, por sua vez, que era de 7,8% em fevereiro, recuou para 7,7% em março, o menor índice desde setembro de 2008.

Quanto à inflação do consumidor, depois de ter registrado um avanço anual de 1,4% em março, acelerou para 1,7% em abril, se aproximando da meta de 2% do BCE.

Em sua reunião no início de março, o BCE manteve inalterada, em 0% a taxa de refinanciamento e em -0,40% a taxa de depósito dos bancos e afirmou que agora pretende manter inalteradas as taxas de juros até o final de 2019.

#### **EUA**

Também superando as previsões, a economia norte-americana avançou 3,2%, anualizado, no primeiro trimestre de 2019 em relação ao trimestre anterior, conforme estimativa inicial do Departamento de Comércio do país. Cabe destacar que em março, as vendas no varejo saltaram 1,6%, a maior alta em um ano e meio.

A criação de vagas de trabalho não agrícola em abril de 2019 foi de 263 mil novos postos, quando a expectativa era de 190 mil. A taxa de desemprego, que era de 3,8 em março, caiu para 3,6% em abril, o menor nível desde 1969.

Em sua última reunião, o FED manteve na faixa entre 2,25% e 2,50% a taxa básica de juros, em meio a sinais econômicos mistos.

#### **ÁSIA**

Na China, o PIB do primeiro trimestre de 2019 cresceu 6,4% na base anual, também acima das expectativas, por conta do desempenho de alguns setores chave, como o industrial por exemplo.

Já a inflação do consumidor atingiu em abril o maior nível em seis meses ao subir 2,50% na base anual, impulsionada por fortes altas nos preços dos alimentos.

### **MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL**

No mercado internacional de renda fixa, os títulos do tesouro americano de 10 anos, que tinham rendimento de 2,41% a.a. no final de março, terminaram abril com rendimento de 2,51% a.a. Já os títulos emitidos pelo governo britânico rendiam 1,17% a.a., enquanto os emitidos pelo governo alemão, por sua vez,

fecharam o mês de abril com rendimento de 0,01%. Paralelamente, no mês, o dólar se desvalorizou 0,02% perante o euro e se valorizou 0,51% e perante o yen.

Já as bolsas internacionais tiveram em abril um mês de altas. Enquanto a bolsa alemã (Dax) subiu 7,10% e a inglesa (FTSE 100) 1,91%, a do Japão (Nikkei 225) avançou 4,97% e a americana (S&P 500) 3,93%. No mercado de commodities, o petróleo tipo Brent subiu no mês 5,33%.

## **NACIONAL**

### **ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA**

Conforme o Banco Central, o IBC-Br, considerado uma prévia do PIB, acumulou alta de 1,66% no primeiro bimestre de 2019 e de 1,21% nos doze meses encerrados em fevereiro.

A taxa de desemprego, por sua vez, que era de 12,4% no trimestre encerrado em fevereiro, subiu para 12,7% no trimestre encerrado em março. Cerca de 13,4 milhões de pessoas estavam sem trabalho.

### **SETOR PÚBLICO**

Conforme informou o Banco Central, o setor público consolidado registrou déficit primário de R\$ 18,6 bilhões em março, comparativamente a déficit de R\$ 25,1 bilhões em março do ano anterior.

As despesas com juros nominais, em doze meses, totalizaram R\$ 384,5 bilhões (5,55% do PIB) e o déficit nominal, que inclui o resultado com os juros, foi de R\$ 483,8 bilhões (6,98% do PIB) no mesmo período.

A dívida bruta do governo geral (governo federal mais INSS mais governos regionais) alcançou em fevereiro R\$ 5433 trilhões (78,4% do PIB).

### **INFLAÇÃO**

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE divulgou que a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), depois de ter registrado alta de 0,75% em março, subiu 0,57% em abril, com os preços dos serviços crescendo 0,32%. No ano acumulou variação de 2,09% e em doze meses de 4,94%, acima do centro da meta do Banco Central, que é de 4,25%.

Já o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), subiu 0,60 em abril, após ter subido 0,77% em março. No ano acumulou alta de 2,29% e de 5,07% em doze meses.

### **JUROS**

Em sua reunião já no início de maio, o Copom decidiu novamente manter a taxa Selic no seu piso histórico de 6,5% ao ano. Não deu indícios de passos futuros.

### **CÂMBIO E SETOR EXTERNO**

A taxa de câmbio dólar x real, denominada P-Tax 800 encerrou o mês de abril cotada em R\$ 3,9453, com uma valorização de 1,25% no mês.

Em março, as transações correntes, apresentaram déficit de US\$ 494 milhões, acumulando em doze meses saldo negativo de US\$ 13,7 bilhões.

Os Investimentos Estrangeiros Diretos – IED apresentaram um ingresso líquido de US\$ 6,8 bilhões em março e acumularam US\$ 88,5 bilhões em doze meses. As reservas internacionais eram de US\$ 384,2 bilhões no final do mês.

A Balança Comercial, por sua vez, teve em abril de 2019 um superávit de US\$ 6,06 bilhões, segundo melhor resultado para o mês. No ano o superávit acumulado foi de US\$ 16,57 bilhões.

## **RENDA FIXA**

Dos subíndices Anbima, que referenciam os fundos compostos por títulos públicos disponíveis para os RPPS, o melhor desempenho no mês de abril acabou sendo o do IDkA 20A (IPCA), com alta de 2,08%, seguido do IMA-B 5+, com alta de 1,79% e do IMA-B, com alta de 1,51%.

## **RENDA VARIÁVEL**

Para o Ibovespa, o mês de abril foi de ligeira recuperação, com alta de 0,98%, acumulando, em doze meses, alta de 11,89%. O índice encerrou o mês e o ano em 96.353 pontos.

## **PERSPECTIVAS**

### **MERCADO INTERNACIONAL**

Com a inflação comportada e os juros em estabilidade, o foco no mercado internacional é no desenrolar da “guerra” comercial EUA x China, países ainda distantes de um acordo comercial.

### **MERCADO NACIONAL**

No Brasil as atenções continuarão totalmente voltadas para o rito de aprovação da reforma da Previdência, importante sinalizador do compromisso do governo com o ajuste das contas públicas. Volatilidade mais alta continua à frente.

Em relação às aplicações dos RPPS, aconselhamos o investimento de 25% dos recursos em fundos de investimento em títulos públicos que possuem a gestão do duration, produto a ser acompanhado com a devida atenção por conta das posições assumidas pelo gestor.

Para os vértices médios (IMA-B 5, IDkA 2A e IRF-M Total) recomendamos uma exposição de 30% e para os vértices de curto prazo, representados pelos fundos DI, pelos referenciados no IRFM-1 e pelos CDB's a alocação agora sugerida é de 15%.

Permanece a recomendação de que, com a devida cautela e respeitados os limites das políticas de investimento e as exigências da nova resolução editada pelo CMN, é oportuna a avaliação de aplicações em produtos que envolvam a exposição ao risco de crédito (FIDC e FI Crédito Privado, por exemplo).

Quanto à renda variável, recomendamos uma exposição máxima de 30%, por conta da melhora da atividade econômica neste ano, que já se reflete em um melhor comportamento dos lucros das empresas e, portanto, da Bolsa de Valores e também pelo fato da importância do produto como fator de diversificação de portfólio, em um momento em que as taxas de juros dos títulos públicos não mais superam a meta atuarial.

Para a alocação em fundos multimercado a nossa sugestão é de 10% dos recursos e de 2,5% a alocação em FII e FIP, respectivamente, dada a pouca disponibilidade de produtos no mercado enquadrados para os RPPS. Para o investimento em ações, a nossa recomendação é de 15% dos recursos, tendo-se em vista o potencial de crescimento das empresas neste e nos próximos anos, como já dissemos, em uma conjuntura de baixa inflação e taxas de juros nas mínimas históricas. Muito embora ainda esteja no campo das expectativas, a implementação das reformas estruturais demandadas pelo mercado em muito também poderão influenciar o comportamento positivo das ações, no futuro.

Para aqueles clientes que já contam com investimento de 5% tanto em FII, quanto em FIP, recomendamos que o teto de investimento em ações se mantenha em 10%.

Por fim, cabe lembrarmos que as aplicações em renda fixa, por ensejarem o rendimento do capital investido, devem contemplar o curto, o médio e o longo prazo, conforme as possibilidades ou necessidades dos investidores. Já as realizadas em renda variável, que ensejam o ganho de capital, as expectativas de retorno devem ser direcionadas efetivamente para o longo prazo.

| Sugestão de Alocação dos Recursos – Renda Fixa e Variável            |      |
|--|------|
| <u>Renda Fixa</u>  | 70%  |
| Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)                              | 0%   |
| Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture) * | 0%   |
| Gestão do Duration   | 25%  |
| Médio Prazo (IRF-M Total, IMA-B 5 e IDKA 2)                          | 30%  |
| Curto Prazo (CDI, IRF-M 1 e CDB)                                     | 15%  |
| <u>Renda Variável</u>  | 30%  |
| Fundos de Ações  | 15%  |
| Multimercados  | 10%  |
| Fundos de Participações**  | 2,5% |
| Fundos Imobiliários **   | 2,5% |
| <u>Investimento no Exterior</u>                                      | 0%   |

\* Aos clientes que investem em FIDC / Crédito Privado / Fundo Debênture, utilizar como limite máximo o percentual destinado ao Médio Prazo.

\*\* Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição de 15% aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.